



A DINÂMICA DA PRODUÇÃO CAFEEIRA E A PRODUÇÃO DE ALIMENTOS IDENTITÁRIOS DA AGRICULTURA FAMILIAR CAMPONESA NO MUNICÍPIO DE ENCRUZILHADA – BAHIA

Nádia de Sousa Silva
Universidade Federal de Goiás – UFG (Brasil)
Endereço eletrônico: naddyasousa@hotmail.com

Marcelo Rodrigues Mendonça
Universidade Federal de Goiás – UFG (Brasil)
Endereço eletrônico: marcelomendona@ufg.br

154

INTRODUÇÃO

O estudo aborda a reflexão sobre o monocultivo de lavoura café e os rebatimentos na produção de alimentos identitários no contexto da agricultura familiar camponesa no município de Encruzilhada – Bahia. Apesar do predomínio do agronegócio do café nesse município, são os agricultores familiares camponeses e as comunidades rurais do município que praticam a agricultura familiar camponesa e são os responsáveis pela produção dos alimentos tradicionais, com referências identitárias e culturais, se opondo a lógica da produção do agronegócio do café, as *commodities*.

A pesquisa tem como objetivo analisar as territorialidades construídas como estratégias e táticas das (Re)existências e ressignificações do modo de vida, manutenção e reprodução dos pequenos e médios grupos familiares camponeses em face das dinâmicas da produção da cafeicultura no município de Encruzilhada/Bahia. A expansão do monocultivo do café, imposição da produção de *commodities* do agronegócio, tem transformado os territórios de vida e trabalho dos agricultores camponeses desse município.

Diante do avanço dessas *commodities*, os sujeitos sociais estabelecem e constroem estratégias cotidianas, ou seja, por meio de suas práticas, saberes, fazeres viabilizam o trabalho e a produção de alimentos identitários produzidos na terra, como condição fundamental de sua reprodução e (RE)existência. Compreende-se que, esses sujeitos vivenciam essas territorialidades, cultivam alimentos e experienciam no seu cotidiano a comercialização desses alimentos e compartilham as relações que estão entrelaçados naquele território.



METODOLOGIA

A pesquisa se encontra em desenvolvimento, e está ancorada numa perspectiva qualitativa e quantitativa de análise, a princípio com realização de um levantamento bibliográfico, que tomou como base diversas fontes que abordam sobre a temática em discussão. Buscou-se analisar a realidade rural do município de Encruzilhada, com base nas discussões teóricas acerca da produção dos alimentos identitários (Menezes; Almeida, 2021), (Brandão, 1981; Woortmann, 1997) território (Haesbaert, 1997; Almeida, 2018), e agricultura familiar camponesa e agrohidronegócio (Mendonça, 2004; Fernandes, 2014; Thomaz Jr, 2017).

No que tange aos procedimentos metodológicos, privilegiou-se a pesquisa de campo e a realização de entrevistas informais, bem como o levantamento de dados secundários nos acervos oficiais. A sistematização das informações foi realizada em articulação com as discussões teóricas sobre a realidade da pesquisa em estudo. Após esse procedimento foram realizadas as análises dos resultados obtidos e por fim as considerações que permeiam as experiências e vivências dos sujeitos sociais envolvidos na dinâmica produtiva do agronegócio do café e seus efeitos territoriais na área da pesquisa.

OS TERRITÓRIOS DA AGRICULTURA FAMILIAR CAMPONESA NO MUNICÍPIO DE ENCRUZILHADA – BAHIA

A diversidade da produção da lavoura camponesa, (banana, feijão, mandioca, milho) como atividades desenvolvidas nesse território é de suma importância para a agricultura familiar camponesa desse município. Diante dessa prerrogativa, pode-se afirmar que a monocultura do café, por meio do agronegócio no município, passou a substituir essas culturas de alimentos tradicionais.

Segundo Woortmann e Woortmann “[...] ser sitiante, ser dono da terra é condição básica de ser liberto, juntamente com o domínio tanto cognitivo como simbólico do saber que orienta o processo de trabalho” (1997, p. 44). A monopolização do território que se dá pelo capitalismo é que origina a propriedade capitalista, entendida por Martins (1982) como um regime distinto da propriedade da terra camponesa. De acordo com o autor, a propriedade capitalista “[...] baseia-se no princípio de exploração que o capital exerce sobre o trabalhador, que já não possui os



instrumentos e materiais de trabalho para trabalhar, possuídos agora pelo capitalista” (MARTINS, 1982 p. 59). Corroborando esse entendimento, Brandão (1981) entende que, não é possível dissociar terra, trabalho e vida, uma vez que essas dimensões são pertinentes com a realidade dos homens e das mulheres do campo.

A dinâmica da produção da lavoura cafeeira no município de Encruzilhada está associada à lógica subordinada do capital, frente a expansão do agronegócio na região. Contudo, evidenciam-se as territorialidades que são construídas pelos sujeitos sociais, por meio da produção e do cultivo dos alimentos tradicionais como estratégias e táticas de *(Re)Existências* e ressignificações do modo de vida e da manutenção e reprodução dos pequenos e médios grupos familiares camponeses que estão inseridos nesses territórios.

No campo, observa-se a presença significativa de mulheres trabalhando nessas lavouras. De acordo, com as conversas informais realizadas com essas mulheres que desenvolvem o seu trabalho durante o período da colheita. Evidenciou-se que, os gerentes dessas fazendas justificam a opção de escolha pelo trabalho feminino na colheita de grãos, pois consideram as mulheres mais cuidadosas, não quebrando os galhos e não arrancando as folhas das plantas de café.

O trabalho desempenhado frente a essa produção, são horas e horas de jornada expostos ao sol e a chuva em condições, extremamente, precárias. A partir do avanço do agronegócio do café, alguns elementos já podem ser notados como a redução da produção de alimentos, a ampliação da precarização do trabalho dos camponeses, a alteração de hábitos alimentares, a redução de singularidades culturais. Evidentemente, essas discussões serão aprofundadas e vários desafios estão colocados com o intuito de desvelar as diversas paisagens produzidas pelos sujeitos do trabalho, mas, a maioria escondidas sob o manto sagrado do agronegócio do café.

A atividade da produção desses alimentos é desempenhada por diversos agricultores familiares camponeses tanto homens quanto mulheres. Assim, é válido mostrar que o estudo da produção desses alimentos não se limita somente à prática produtiva (produção e comercialização), pois compreende-se a importância de contemplar a produção de significados, sentidos e simbologias que os abarcam.

Durante a realização de trabalho de campo, observou-se como o agrohíbronegócio tem monopolizado os territórios rurais de Encruzilhada. Na visita ao campo, uma entrevistada, que planta mandioca e produz farinha e derivados com a



citada raiz, quando indagada sobre o impacto das grandes fazendas de café existentes no município relata que,

“Os donos das grandes fazendas, preferem o café, porque produzir café o lucro é bem maior, paga pouco na lata do café e vende a saca muito cara e não dá tanto trabalho como a mandioca e outros alimentos. Vou te falar, a mandioca é assim, se chover muito, elas encharca, se o sol tiver muito quente e sem chuva, a raiz não dá que presta, a gente espera um tempo longo pra poder ficar no ponto. E o trabalho, tu sabe o trabalho que dá fazer farinha, beijú, biscoito e bolo? É uma quintura danada. Aí cê já viu, tá difícil também da gente achar mandioca pra comprar, porque a maioria do povo aqui da região só quer plantar mesmo é o café, e os outros alimentos, só nós pequenos mesmo” (M.R.S, 45, Entrevista realizada em Novembro de 2021).

157

Entender o modo como ocorre a produção dos alimentos identitários no município é tentar compreender a essência dessa produção para os sujeitos sociais que ali residem. A produção desses alimentos tem um importante papel na vida das comunidades rurais em questão. Assim, o significado da produção dos alimentos nesse lugar aponta as permanências e rupturas existentes nesse território.

Assim, a produção dos alimentos identitários insere os sujeitos sociais, que estão envolvidos na produção, no contexto da relação de afetividade, das territorialidades e no exercício da prática de produzir e também de consumir. Na contemporaneidade, diversos autores enfatizam que a alimentação vem se constituindo como um dos traços identitários mais significativos. Diante dessas discussões, Menezes (2013, p.123) afirma que “[...] tais territorialidades, criadas por esses atores ao apropriarem os recursos nos seus territórios, transformam estes em alternativas geradoras de renda e trabalho, a exemplo da produção de alimentos artesanais, culturais, identitários”.

CONCLUSÕES

O estudo aborda uma reflexão sobre as territorialidades no contexto da agricultura familiar camponesa em Encruzilhada – Bahia. Assim, apesar do predomínio do monocultivo do café no contexto do agronegócio local, são os grupos familiares e as comunidades que praticam a agricultura familiar camponesa os responsáveis pela produção dos alimentos tradicionais, com referências culturais e identitárias, embora predomine a produção das *comoditties*, que integra a lógica da realidade local.



Nesse sentido, reflete-se sobre a precarização das relações de trabalho que se dão na dinâmica da lógica da produção da lavoura cafeeira com a expansão do agronegócio. Assim, ao retratar a produção dos alimentos identitários no município de Encruzilhada, destaca-se como rebatimento a produção das lavouras cafeeiras, sob o manto sagrado do agronegócio que vem alterando os modos de vida e as territorialidades dos sujeitos que residem no município.

A produção dos alimentos identitários, é de suma importância para a manutenção desses sujeitos sociais, pois se configuram como estratégias e táticas das resistências e ressignificações do modo de vida e reprodução dos pequenos e médios grupos camponeses no município de Encruzilhada/Bahia. Essa produção tradicional apresenta-se entrelaçada nas relações de proximidade entre os produtores e os consumidores desses alimentos, reforçando laços de pertencimento e identidade, sendo fruto de apreciação e valorização fundamentadas no reconhecimento da qualidade e do significado subjacente ao alimento.

PALAVRAS-CHAVE: Agricultura familiar camponesa. Alimentos Identitários. Território.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, C. R. Plantar, colher, comer: um estudo sobre o campesinato goiano. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1981.

MARTINS, J. S. **Expropriação & Violência**. São Paulo: Editora Hucitec, 1982.

MENDONÇA, M. R. **A urdidura espacial do capital e do trabalho no Cerrado do Sudeste Goiano**. 2004. 457 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, 2004. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/102964>. Acesso em: 15 mai. 2021.

MENEZES, S. S.M.; ALMEIDA, M.G. A produção de alimentos nos espaços circunscritos da casa e a comercialização nos circuitos curtos. In: MENDONÇA, S. S. M.; ALMEIDA, M. G.; DEUS, J. A.S. (org.) **Novos usos do Espaço Rural e suas Resiliências: Transformações e Ruralidades em Goiás, Minas Gerais e Sergipe**. Aracaju: Criação Editora, 2020.

THOMAZ JUNIOR, A. Degradação Sistêmica do Trabalho no Agrohidronegócio. **Mercator**, Fortaleza, v. 16, e16020, 2017.

WOORTMANN, E; WOORTMANN, K. **O Trabalho da Terra: A lógica e a simbólica da lavoura camponesa**. Brasília. Ed. UNB. 1997.